

## Militância e educação matemática: o que mostram os artigos do Periódicos Capes?

João Paulo Risso  
UFMS, joaormat@gmail.com

Thiago Donda Rodrigues  
UFMS, UEMS, thiago.rodrigues@ufms.br

### Eixo: Práticas Docentes e Currículo

**Resumo:** O presente artigo, fruto de um desdobramento de uma pesquisa de mestrado em andamento, apresenta uma pesquisa bibliográfica que busca levantar alguns elementos de resposta para a seguinte questão: o que mostram os artigos do Periódicos Capes sobre a interface entre militância e educação matemática? A investigação mostrou uma ausência de um quantitativo expressivo de pesquisas que se inscrevem em tal interface e a necessidade de mais pesquisas sobre o tema em foco. Além disso, apresentamos algumas concepções de militância e seus entrelaces com a pesquisa de mestrado citada, bem como realizamos um singelo convite.

**Palavras-Chave:** Filosofia da Diferença. Educação Menor. Professores(as) Militantes. Feminismo. Resistência.

### Introdução

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

(Conceição Evaristo, 2017, p. 123)

Este artigo é uma tentativa de morder e rasgar a palavra “militância”. Na verdade, estamos fazendo esse exercício a um certo tempo. Com a pesquisa de mestrado em andamento do primeiro autor, sob orientação do segundo, tal exercício se intensificou.

Realizar a investigação aqui narrada era um desejo antigo. Durante uma recente arguição do projeto do mestrado fomos orientados a apresentar concepções de militância. Unimos o útil e o agradável e cá estamos. Assim, este artigo busca apresentar alguns elementos de resposta para a seguinte pergunta: o que mostram os artigos do Periódicos Capes sobre a interface entre militância e educação matemática?

Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir do Periódicos Capes. Nas seções seguintes apresentaremos a pesquisa de mestrado que impulsionou a presente

investigação, bem como a nossa concepção de militância, os aspectos metodológicos da investigação, os resultados e as considerações finais.

### **Uma concepção de militância a partir da filosofia da diferença**

Durante a sua vida escolar e acadêmica, quantas foram as aulas de Matemática que abordaram temáticas como antirracismo, desigualdade social, política, pautas feministas, equidade, etc.? Arriscamos a dizer que, para muitos, a resposta tende a ser “nunca” ou “quase nunca”.

A suposta neutralidade da Matemática pode ser um dos motivos de você dizer “nunca” ou “quase nunca” diante da indagação levantada. No espaço escolar e acadêmico, a disciplina de Matemática comumente não é vista como um espaço para se discutir temáticas sociais. Por outro lado, professores(as) que lecionam disciplinas que teoricamente tem como um dos seus objetivos trabalhar com tais temáticas, como a Sociologia e a Filosofia, sofrem ataques de governantes e são fiscalizados(as) pelo próprio sistema educacional. Mas é preciso resistir.

Como já mencionado, a investigação apresentada neste artigo é fruto de um desdobramento da pesquisa de mestrado do primeiro autor, sob orientação do segundo. Um dos objetivos de tal pesquisa é investigar coletivamente possibilidades de militância de futuros professores(as) de Matemática em enfrentamentos de discursos e práticas discriminatórias e racistas e de fortalecimento de lutas sociais.

Considerando tal objetivo, partimos de alguns conceitos da filosofia da diferença: literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 1977), educação menor e professor militante (GALLO, 2002). Deleuze e Guattari propuseram o conceito de literatura menor como modo de compor com a obra de Franz Kafka, um autor judeu que se apropriou de modo estratégico da língua alemã em tempos de dominação estrangeira, subverteu-a e construiu, a partir dela, uma literatura outra. Uma literatura menor é marcada por três importantes características: a desterritorialização da língua, a ramificação política e o valor coletivo.

(...) em linhas gerais, a desterritorialização é um movimento pelo qual se abandona um território (não necessariamente um abandono literal) ou se produz um novo território a partir de um território anterior. Portanto, a desterritorialização da língua é um processo de subversão da língua central e desintegração de suas territorialidades bem definidas. Ao subverter uma literatura maior, a literatura menor produz um ato político, torna-se política, “Não que uma literatura menor traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta, mas ela própria, pelo agenciamento que é, só pode ser política. Sua existência é política: seu ato de ser é antes de tudo um ato político em essência” (GALLO, 2002, p. 172). Na literatura menor a coletividade predomina sobre as individualidades. A literatura adquire função de enunciação coletiva e revolucionária, desloca o artista de sua posição de centralidade e abre

espaço para o protagonismo da comunidade como um todo (RISSO; RODRIGUES, 2020, p. 220).

A partir do conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari (1977), Gallo (2002) opera a ideia de uma educação menor. Porém, se há a possibilidade de teorização de uma educação menor, está opõe resistência a educação maior. A educação maior “é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB<sup>1</sup>, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (GALLO, 2002, p. 173), ou ainda, “temos aí [na educação maior] toda uma produção de políticas públicas de educação, operando no contexto daquilo que Foucault denominou uma biopolítica, uma política de controle populacional” (GALLO, 2013, p. 9). Portanto,

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância (GALLO, 2002, p. 173).

Ao propor o conceito de educação menor, o autor desloca as três características das literaturas menores. Para Gallo, na educação, ao invés de haver a desterritorialização da língua, o que ocorre é a desterritorialização dos processos educativos, propiciando resistência a todo tipo de controle exercido pela educação maior e potencializando a aprendizagem.

Assim como a literatura menor, a educação menor também é um ato político, carrega consigo uma micropolítica, uma política do cotidiano, visto que ela não busca as grandes políticas. No âmbito de sua política própria e sem preocupar-se com a instauração de uma falsa totalidade, a educação menor opera por rizoma<sup>2</sup>, viabilizando “conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter os projetos abertos” (GALLO, 2002, p. 175-176).

Quanto ao deslocamento da terceira característica, o valor coletivo, implica percebermos que os processos da educação menor nunca são do âmbito individual. Na educação menor os atos singulares remetem a uma coletividade e os atos coletivos tornam-se singulares. Logo, os projetos sempre são coletivos e abertos, não se preocupam em satisfazer posturas individualizantes e solitárias (GALLO, 2002).

---

<sup>1</sup> Gallo se refere a Lei de Diretrizes e Bases: lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

<sup>2</sup> Deleuze e Guattari deslocaram o significado de *rizoma* atribuído pela botânica para pensar um sistema de pensamento e prática alternativo ao teorizado pela filosofia tradicional. Segundo os filósofos “[...] diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31).

Visto que uma educação menor pode produzir resistências e heterotopias (multiplicidades, espaços outros) no cotidiano escolar, podemos pensar e compor sobre professor(a) militante (GALLO, 2002). Mas afinal, o que vem a ser professor(a) militante? Como realizado anteriormente, a resposta da indagação levantada pode emergir a partir de outro conceito: professor(a) profeta. São características de um(a) professor(a) profeta ser crítico(a), ser consciente de seu papel social e político, ser alguém que “vislumbrando a possibilidade de um novo mundo fazia a crítica do presente e procurava apresentar, então, a partir da crítica do presente, a possibilidade de um mundo novo. O professor profeta é alguém que anuncia as possibilidades, alguém que mostra um mundo novo” (GALLO, 2002, p. 171). A diferença entre professor(a) profeta e professor(a) militante é sutil, porém, extremamente potente:

Penso que seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas *produzir a possibilidade do novo*. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente (GALLO, 2002, p. 171, grifo do autor).

Os conceitos apresentados nos auxiliam a construir nossa concepção de militância. Entendemos a militância enquanto movimento de atuação e prática e resistência e... A militância enquanto atuação e prática e resistência e... ganha potência ao presar por uma ética, ao travar uma luta contra as opressões, ao ser guiada pela equidade, ao ser construída de forma coletiva, ao adentrar nos múltiplos territórios, ao ser sensível e não autoritária, ao agir de forma horizontal, ao respeitar e defender as diferenças... Essa é a nossa concepção de militância.

### **Aspectos metodológicos**

A presente investigação, de natureza qualitativa, foi desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica pode ser entendida como a “revisão da literatura sobre as principais teorias [temáticas, conceitos, discussões, ...] que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual

pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes” (PIZZANI et al., 2012, p. 54).

Um dos caminhos possíveis da pesquisa bibliográfica é descrito por Pizzani et al. (2012): delimitação do tema-problema; pesquisa na internet para localização do material bibliográfico; levantamento e fichamento das citações relevantes; aprofundamento e expansão da busca, relação das fontes a serem obtidas; localização das fontes; leitura e sumarização; e redação do trabalho.

Assim, para responder à questão de pesquisa “o que mostram os artigos do Periódicos Capes sobre a interface entre militância e educação matemática?”, realizamos uma busca avançada no Periódicos Capes utilizando as palavras “militância” e “educação matemática”. Obtivemos 60 resultados. Refinamos os resultados considerando apenas artigos, restando 38 trabalhos.

Com os 38 artigos baixados, realizamos a leitura do título, resumo e palavras-chave, bem como fizemos uma busca no texto das palavras “matemática” (o que conseqüentemente incluiria a palavra “educação matemática”), “militância” e “resistência”. Dos 38 artigos, apenas dois se inscreviam na interface entre militância e educação matemática. Apresentaremos estes dois artigos na próxima seção.

### **Apresentação e discussão dos resultados**

A partir da busca no Periódicos Capes e realização dos procedimentos descritos anteriormente, selecionamos os seguintes artigos:

**Tabela 1** – Artigos selecionados pela pesquisa bibliográfica

<b>Autores(as)/Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Temáticas em Destaque</b>	<b>Revista</b>
Laila Maia Galvão (2016)	Os entrecruzamentos das lutas feministas pelo voto feminino e por educação na década de 1920	Feminismo; Voto feminino; Luta por educação.	Direito & Práxis
Lucieli Trivizoli (2019)	Cartas de Matemáticos Estrangeiros sobre o Contexto Brasileiro no Início da Década de 1970	Ditadura Militar; História da Matemática no Brasil; Resistência.	Bolema

**Fonte:** Dados da pesquisa

Galvão (2016) discute a trajetória de algumas feministas na década de 1920, destacando a luta dessas mulheres pelo voto feminino e pela educação. Dentre as feministas citadas, havia uma professora de Matemática, a professora Julia Alves Barbosa, que lecionava

em uma Escola Normal de Natal. No referido artigo temos acesso a acontecimentos da década de 1920 que marcaram a história das mulheres. Em relação ao voto feminino, percebe-se os obstáculos impostos pelo machismo e patriarcado às mulheres. A história de luta de Diva Nolf Nazário comprova essa percepção. Diva foi aluna da Faculdade de Direito de São Paulo e ativista do voto feminino no período em destaque. Além de publicar artigos em jornais defendendo o direito de voto feminino, pleiteou seu direito ao voto por meio de vias judiciais. Mesmo tendo seu pedido e recurso negados pelo juiz, que afirmou que as mulheres não eram consideradas cidadãs e se baseou no Direito Consuetudinário (direito que surge dos costumes de uma certa sociedade, não passando por um processo formal de criação de leis) para recusar o recurso, Diva continuou com sua militância (GALVÃO, 2016). Em 1927, as primeiras mulheres se alistaram no Rio Grande do Norte e em 1932, através do Decreto nº 21.076, em seu artigo 2º, o direito do voto às mulheres foi garantido: "é eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código". Mas, o que pode ser feito para que a igualdade de gênero seja alcançada na política?

Assim como bem destaca Galvão (2016), as primeiras mulheres a alistarem-se no Rio Grande do Norte eram todas professoras. Este fato mostra o quanto a educação pode ser considerada um dos pilares do empoderamento feminino e da igualdade de gênero. Considerando este pilar, nos interessamos pela pergunta: o que pode a educação (matemática) enquanto espaço no qual exercemos nossa militância?

Trivizoli (2019) apresenta três cartas de importantes matemáticos estrangeiros, sendo duas delas sobre a experiência dos remetentes durante estadia no Brasil em plena ditadura militar. Além disso, discute sobre movimentos de resistência e militância política de alguns(mas) matemáticos(as) brasileiros(as), bem como a acomodação, omissão e conciliação de outros(as). Tal resistência mostra a importância da não generalização e afirmação de discursos como "nenhum(a) matemático(a) é militante", "todo(a) matemático(a) é militante", etc.

Mesmo que os dois artigos apresentados não discutam diretamente a concepção dos(as) autores(as) e dos(as) sujeitos(as) apresentados(as) sobre militância, reconhecemos concepções implícitas que se aproximam de nossa concepção de militância enquanto atuação e prática e resistência e...

Além disso, podemos destacar que a presente investigação mostra um certo silenciamento e uma ausência nas pesquisas quando o assunto é militância. Por que apenas 38

trabalhos tratavam de algum modo de militância? Por que apenas dois trabalhos do Periódicos Capes se inscreviam na interface entre militância e educação matemática?

Podemos dizer que a “leitura de uma ausência pressupõe uma procura, pressupõe nossos interesses em ocupar esse espaço, essa lacuna, o que pressupõe movimentos de também provocar esse espaço. Uma ausência nos mobiliza a dizer de algo que está silenciado” (FRANCO; MEDEIROS, 2020, p. 222) ou, ainda, que “essa ausência não é ruim, não lemos uma ausência como aquilo que falta, mas como aquilo que convida, como um espaço a ser coabitado, compartilhado, onde já se sabe que as coisas “acontecem”. Essa ausência nos desloca daquilo que já é conhecido” (FRANCO; MEDEIROS, 2020, p. 222).

A questão que fica é: como lidamos com essa ausência? Por que a militância é vista tão pouco nos trabalhos acadêmicos? Quais possíveis estratégias para mudar esse quadro? Em meio a tantas perguntas, lançamos o seguinte convite: que tal sermos professores(as)-pesquisadores(as)-militantes?

### **Considerações finais**

Diante dos resultados desta investigação, que mostrou uma ausência de pesquisas no Periódicos Capes que se inscrevem na interface entre militância e educação matemática, refletimos sobre possíveis causas de tal ausência. Uma possibilidade reside na escassa atenção dada, durante a formação inicial, a movimentos de militância. Assim, a pesquisa de mestrado que estamos realizando é uma tentativa de lidar com essa problemática. Trabalhar questões sociais com estudantes da graduação pode ser uma maneira de convidar os(as) futuros(as) professores(as) a desenvolverem aulas que discutem tais questões sociais e construir coletivamente práticas de militância.

Em relação ao Periódicos Capes, notamos um certo descompasso entre a configuração da busca e os resultados da mesma. A leitura dos 38 resumos indicados pelo portal, que culminou na seleção de apenas dois, mesmo utilizando as palavras “militância” e “educação matemática”, mostrou a necessidade de um aprimoramento no sistema de busca do Periódicos Capes.

Ademais, gostaríamos de ressaltar a importância de diálogos entre sujeitos que mobilizam matemáticas sobre militância em espaços como o Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM). Que o ESEM seja uma porta de entrada para a construção de um presente mais justo, inclusivo e ético.

### Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

### Referências

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FRANCO, Vivian Nantes Muniz; MEDEIROS, Amanda Silva de. Diálogos entre Educação Matemática, Educação Infantil e Anos Iniciais em produções do PPGEDUMAT/UFMS e/a partir de uma inadiável pergunta: onde estão as crianças? In: XIV SESEMAT - Seminário Sul-Mato-Grossense de pesquisa em Educação Matemática, 2020, Campo Grande. **Anais do XIV SESEMAT - Seminário Sul-Mato-Grossense de pesquisa em Educação Matemática**, 2020. v. 14. p. 217-227.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169 -178, 2002.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: 36ª Reunião Nacional da ANPEd, 2013, Goiânia. **Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: desafios para as políticas educacionais**. Goiânia: ANPEd, 2013. p. 1-12.

GALVÃO, L. M. Os entrecruzamentos das lutas feministas pelo voto feminino e por educação na década de 1920. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 1, p. 176-203, 2016.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

RISSO, João Paulo; RODRIGUES, Thiago Donda. Desterritorializando a aula de Matemática: o que pode um professor militante no âmbito de uma educação matemática menor? **Boletim Online de Educação Matemática**, v. 8, p. 216-231, 2020.

TRIVIZOLI, Lucieli M. Cartas de Matemáticos Estrangeiros sobre o Contexto Brasileiro no Início da Década de 1970. **Bolema**, Rio Claro-SP, v.33, n.63, p. 290-308, 2019.